TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Briga entre Flávio e Michelle atinge casamento de Bolsonaro

Neste sábado, 5, Carlos Bolsonaro, o filho Zero-Dois do ex-presidente Jair Bolsonaro, visitou o pai na prisão domiciliar e deixou nas redes sociais o que está sendo entendido por aliados como um recado.

Ciente da briga entre sua mulher, Michelle, e o Filho Zero-um, Flávio, Bolsonaro pai está do lado dos filhos. É o que deu a entender Carlos Bolsonaro. Ou seja, embora Michelle tenha declarado que o marido sabia do vídeo, Carlos passa a mensagem de que o pai não soube antecipadamente do conteúdo e muito menos concordou com o que ela disse. Tanto assim que está muito bem com os filhos. Disse Carlos no twitter:

"Foram duas horas de boas conversas, que o fizeram [a Jair Bolsonaro] recordar momentos ao lado das pessoas, no mar e nas ruas. Chegamos o mais próximo disso, e foi muito importante para nós. Ele está ciente de tudo o que se passa aqui fora, embora esteja, obviamente, impedido de acessar conversas nas redes sociais. Anteriormente, recebeu a visita do meu irmão @FlavioBolsonaro e disse que a conversa foi muito boa e tranquila. Perguntou também sobre meu irmão e seu filho [Eduardo], @BolsonaroSP, pois eles não podem ter contato. Disse a ele que segue trabalhando como sempre."

Tradução de aliados de Flávio nas redes:

1) Jair Bolsonaro teve "duas horas de boas conversas" com o filho que sempre teve o pior relacionamento com a madrasta;

2) Ele está "ciente de tudo" que se passou (ou seja, ciente da briga)

3) Antes, Bolsonaro também conversou com Flávio Bolsonaro;

4) Bolsonaro disse a Carlos que a conversa com Flávio foi "muito boa e tranquila".

Vale notar que Carlos não citou o nome da madrasta. Deixou claro dois campos: o dos filhos citados, e o resto. Michelle está no resto.

Você, caro leitor, que tem uma vidinha comum, acha que seu casamento sobreviveria assim, com sua mulher em guerra aberta com os filhos, e com você do lado dos filhos?

É provável que sua resposta seja não, não sobreviveria o casamento. Mas entre políticos as coisas são diferentes. Eles precisam avaliar com cuidado os custos de uma crise, um rompimento às vésperas de uma eleição, ou da possibilidade de manter a crise sob controle.

Lula passou por isso recentemente com um dos seus melhores amigos dentro do PT, o então líder do governo no Senado, Jaques Wagner, apontado como envolvido no caso do Banco Master. O presidente e seu alto comando avaliaram que não dava para manter a crise sob controle com Wagner no cargo, e decidiram tirá-lo dos holofotes. O amigo foi afastado da liderança do governo.

Essa é a pergunta que o alto comando do PL, Bolsonaro e seus filhos estão se fazendo sobre a campanha eleitoral de Flávio, considerada decisiva para o pai poder sair da prisão: vai dar para manter a crise em suspensão? O pai poderá manter o casamento e sem ferir a campanha do filho?

Trata-se de uma lição que tanto o clã Bolsonaro quanto Lula e os petistas já estão tirando: o mais difícil em eleições é quando as situações pessoais do candidato colidem com as necessidades das campanhas. Um rompimento quase sempre é inevitável.

MÁRCIO COIMBRA

CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia

Milagre colombiano

A Colômbia vive uma sintonia entre história política e paixão esportiva. Enquanto a seleção exibe rigor tático na Copa do Mundo de 2026, as urnas consagraram uma virada histórica: a eleição de Abelardo de la Espriella à presidência, consolidando a guinada à direita que redesenha o tabuleiro geopolítico da América Latina. No epicentro dessa catarse, a camisa amarela da seleção converteu-se no maior símbolo de disputa e identidade nacional. A tentativa da esquerda de judicializar a vestimenta provou-se um erro estratégico. Ao apropriar-se do amarelo, De la Espriella decodificou o sentimento de uma maioria silenciosa cansada de associar os símbolos pátrios ao declínio, canalizando o orgulho popular para seu projeto de reconstrução institucional.

Esse fenômeno insere-se no realinhamento conservador que varre a América Latina. Após anos de governos progressistas marcados por estagnação econômica e criminalidade, o eleitorado redescobriu o valor da ordem, da segurança jurídica e do livre mercado. Do Cone Sul ao ecossistema andino, a nova direita compreende que a soberania exige instituições fortes e alianças estratégicas claras. A proposta de De la Espriella de alinhar a Colômbia à vanguarda diplomática ocidental reflete essa mudança geopolítica, transformando o amarelo da "Tricolor" no emblema visual desse despertar regional.

Para tanto, De la Espriella estruturou uma agenda agressiva de 90 decretos para os primeiros 100 dias, focados em desregulamentação, investimentos e tolerância zero ao narcoterrorismo. Projetos estratégicos antes paralisados, como a interconexão elétrica com o Panamá, ganham uma urgência que espelha o contra-ataque veloz do futebol. A economia, sob essa ótica, deve funcionar como um meio-de-campo entrosado: menos entraves estatais, passes precisos ao setor produtivo e defesa intransigente da propriedade privada e da segurança pública, garantindo as regras fundamentais para a sociedade prosperar.

Nessa intersecção, futebol e política revelam-se complementares. O desempenho avassalador da seleção no mundial reflete uma nação que redescobriu a disciplina e a mentalidade vitoriosa. O sucesso em campo mostra que o êxito exige liderança firme e planejamento rigoroso — premissas centrais que levaram De la Espriella ao poder. Há uma simbiose psicológica entre a confiança de um povo que vê seus atletas vencerem potências globais e a coragem desse mesmo eleitorado de romper com o marasmo econômico, alimentando mutuamente a glória esportiva e a eficácia governamental.

O reconhecimento dos resultados pela oposição encerra o ciclo de incertezas e abre caminho para a transição. Ao discursar em Barranquilla vestindo orgulhosamente a camisa amarela que a justiça tentou banir, De la Espriella sinalizou o fim da timidez política. A Colômbia entra no segundo semestre de 2026 com os olhos no topo do mundo, acompanhando sua seleção rumo às fases decisivas e monitorando reformas que prometem destravar as forças vivas do país. O milagre colombiano está em campo e nas urnas, resta agora consolidá-lo com a mesma garra demonstrada nos gramados.

EDITORIAL

O Monólogo dos que Fogem do Debate

O recente episódio registrado no Teatro de Arena da Unicamp, onde um militante ligado ao Movimento Brasil Livre (MBL) interrompeu aos gritos a aula magna do ex-ministro Fernando Haddad, joga luz sobre uma distorção preocupante no uso das garantias democráticas. O direito à livre manifestação e à divergência política é cláusula pétrea de uma sociedade plural. No entanto, o que se testemunhou em Campinas não foi o exercício saudável da liberdade de expressão, mas sim a mercantilização do barulho e o esvaziamento deliberado do debate público.

A fronteira da provocação: entrar em um espaço acadêmico lotado por cerca de 800 pessoas, que ali compareceram com o propósito legítimo de ouvir uma exposição, unicamente para berrar palavras de ordem descontextualizadas cruza a linha que separa a crítica do mero oportunismo coreografado.

A intenção ali nunca foi o dissenso construtivo ou o questionamento factual, mas a criação de um simulacro de confronto, planejado sob medida para alimentar o algoritmo de redes sociais com cortes rápidos e engajamento fácil.

O detalhe mais revelador dessa dinâmica, contudo, reside no comportamento subsequente do manifestante: grita e sai andando. A evasão imediata do local, acelerando os passos antes mesmo de receber qualquer contestação, desnuda a fragilidade metodológica do ato. Fica a pergunta inevitável: por que não permanecer? Por que não submeter a própria tese ao crivo do contraditório e aguardar a resposta do palestrante?

A resposta parece óbvia. Há um temor profundo do diálogo real. A política performática que viceja no ambiente digital alimenta-se do monólogo agressivo e da lacração unilateral; ela raramente sobrevive à densidade teórica ou à elegância de uma tréplica estruturada. Ao notar a fuga, a ironia de Haddad ao microfone sintetizou o sentimento geral: o recuo do rapaz demonstrou que o intuito era o tumulto, não o confronto democrático de ideias.

O diálogo é, por definição, o princípio basilar da democracia. Para que ele exista, a equação exige reciprocidade.

O direito de falar: garante que qualquer cidadão possa manifestar seu descontentamento.

O dever de ouvir: impõe que, ao lançar uma acusação em praça pública, o emissor respeite o interlocutor e o público, permitindo a defesa.

OPINIÃO DO LEITOR

Complexo

A que ponto o mundo chegou. Um presidente do país mais poderoso militarmente do mundo, mente descaradamente criando sanções contra um país para chantagear e assaltar suas riquezas, usando o direito da força e não a força do direito

Vicente Limongi Netto, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) ¦ **Paulo Bittencourt** (1929-1963) ¦ **Niomar Moniz Sodré Bittencourt** (1963-1969)

www.correiodamanha.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO
Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE
Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES
(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

BRASÍLIA
ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal